

NO MIOLO DA TRAMA Popular para quem?

Barbara Scudeller¹

Ir a campo é apenas o começo de um processo de leitura do território. E algumas etapas o seguem.

Quando chegamos em casa, descarregamos as imagens da câmera fotográfica e lemos as anotações feitas às pressas num caderno de campo. Vemos que algo falta, mas não sabemos o quê. Não falta foto, não falta anotação, não falta aproximação com a cidade, não falta permanência no lugar, não falta conversa com as pessoas. Mas algo falta. Então recomeçamos. Recomeçamos a desenhar sob as fotos e reescrever as anotações. Na busca pelo que falta o nosso pensamento apura o que vimos.

Lemos algo a partir de questões. A pesquisa que deu origem a essas colagens, concebidas a partir da metodologia de Fuão (2011) trabalha com uma pergunta²: para quem o centro é popular? Para respondê-la, olhamos para dois casos de estudo, o centro de Presidente Prudente e São Carlos, ambas cidades do interior do estado de São Paulo. Se partimos da ideia de que o centro dessas cidades é popular, ele é popular para quem?

Na identificação dos agentes que compõem o caráter popular do centro, três personagens urbanos saltaram aos olhos: os catadores, os ambulantes e os passageiros. Em conversas com cada um deles, seus perfis vieram à tona.

Os catadores estão nestes centros há mais de trinta anos. Catam material reciclável, principalmente papelão. Muitas mercadorias novas chegam todos os dias e são transportadas por caixas de papel, que logo em seguida são jogadas fora. Os catadores fazem parte de um ciclo de reaproveitamento de mais-valia, mas marginalizados pelo mesmo capital que alimentam. Os catadores carregam trinta quilos de material por dia, puxando seus carrinhos em meio a uma cidade cheia de altos e baixos. A maioria são homens e ganham pouco pelo que fazem (GONÇALVES, 2000). Pior do que aquilo que ganham são suas condições de trabalho, pois precisam remexer no lixo para separar o seu material de reciclagem. Numa situação de trabalho tão marginalizada, era esperado que as pessoas os rejeitassem. Elas os toleram.

Os vendedores ambulantes estão no centro também há décadas. Alguns têm vinte e cinco anos de trabalho só em um mesmo ponto. Eles vendem o banal do cotidiano. Vendem o algodão-doce, o amendoim salgado, a pipoca doce, os churros, o caldo de cana, a água gelada, o bolo de milho. A prefeitura regula a permanência de cada um dos vendedores ambulantes, emitindo formalmente alvarás de comercialização dos

produtos. Os ambulantes pagam pela autorização. Se localizados na praça da Catedral de Presidente Prudente, também pagam pelo ponto à diocese. Os ambulantes mais antigos contam com uma infraestrutura admirável: energia elétrica, botijão de gás e acesso à água. Fatos que demonstram o caráter mais permanente do que transitório do comércio ambulante do centro.

Os passageiros do transporte público compõem essa paisagem central. Em ambas as cidades estudadas, os pontos de ônibus estão sempre abarrotados de gente. Pessoas indo ao trabalho, à escola, aos hospitais, às suas casas. Nos horários de pico, durante o início e final do dia, os passageiros se amontoam debaixo das coberturas metálicas. Nelas as temperaturas são altas e os vendedores ambulantes aproveitam para vender os seus produtos. Vendem água, refrigerante e sacos de salgados. Algumas pessoas passam o tempo conversando e outras mexendo no celular. Localizados em praças públicas, os pontos de ônibus hoje são os principais atratores de circulação dessas praças.

Esses são alguns dos agentes que estão no miolo da trama. Uma trama complexa, repleta de fatores intrínsecos entre si (MORIN, 2005). A complexidade é como um tecido, composto pela união de vários fios. Estes fios continuam existindo separados do todo, mas é o emaranhado de fios que compõem a trama. É na trama da complexidade onde se encontra o nosso mundo fenomênico. Tecidos compostos por ações, interações, retroações, determinações e acasos.

Referências

FUÃO, F. F. *A collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

GONÇALVES, M. ANDRADE. *A territorialização do trabalho informal: um estudo a partir dos catadores de papel/papelão e dos camelôs em Presidente Prudente - SP*. Dissertação—Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), 2000.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

¹ Mestre e Doutoranda em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Pesquisadora do Laboratório de Estudos do Ambiente Urbano Contemporâneo (LEAUC-USP). Atuante no eixo de pesquisa Conformações Espaciais Urbanas. Arquiteta e Urbanista pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Possui experiência acadêmica na área de urbanismo, com ênfase em teoria urbana, projeto urbano, produção da cidade e cidade contemporânea.

² Trata-se de uma pesquisa científica a nível de doutorado intitulada "O popular no centro: as repercussões dos novos projetos de intervenção nos centros consolidados de Presidente Prudente/SP e São Carlos/SP a partir dos anos 2010". Atualmente essa pesquisa conta com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo número 2022/04317-8.





PARAÍSO DA TAPIOCA
ÁGUA E REFRIGERANTE

